

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM OS ENCONTROS CINEMATOGRAFICOS
17 de maio de 2022

PASSION & POETRY: THE BALLAD OF SAM PECKINPAH / 2005

de Mike Siegel

Realização, Argumento, Montagem e Produção: Mike Siegel / Direção de Fotografia: Mike Siegel e Kara Stephens / Co-produção: Elmar Berger, Patrick Gleason, Rade Radovic / Produção Associada : Katherine Haber, Chris Prowting / Música: Gitanes Blondes, Kris Kristofferson / Participações: Mario Ador, R. G. Armstrong, Senta Berger, Ernet Borgnine, James Coburn, Gordon T. Dawson, Roger Fritz, Vadim Glowna, Chalo González, Katherine Haber, Bo Hopkins, L. Q. Jones, Kris Kristofferson, Martin Lewis, Ali MacGraw, Daniel Melnick, Lupita Peckinpah, Sam Peckinpah / Cópia: DCP, a cores e a preto e branco, falado em inglês, alemão e castelhano, com legendas eletrônicas em português / Duração: 119 minutos / Estreia Mundial: 30 de junho de 2005, Festival Internacional de Munique / Inédito Comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

Com a presença de Mike Siegel.

“Fascina-me a personalidade desses que perdem, desses vencidos, dessas pessoas que vivem a destruir-se.” A frase de Sam Peckinpah, publicada numa entrevista concedida à *Écran 72*, n.º 141, sabe a confissão, uma vez que define, de maneira liminar, não só o cineasta como o homem e o seu trajeto de vida. É verdade: não precisávamos deste trabalho de grande dedicação e *fandom* por parte do alemão Mike Siegel para percebermos a pulsão autodestrutiva que atravessa, como uma bala, a vida e a obra de Peckinpah. No entanto, face à recolha de tão variados testemunhos, nomeadamente de alguns dos atores pertencentes ao “wild bunch” peckinpahniano, tais como Kris Kristofferson, Ernest Borgnine e James Coburn, só podemos estar gratos por esta empreitada, por este *buffet* rico em histórias, imagens (inclusivamente oriundas da coleção particular de Siegel), apreciações comovidas – e algumas comoventes – sobre a arte complexa de um cineasta viril, último protótipo – ou penúltimo, se contarmos com Clint Eastwood – do *director* à americana, caracterizado por uma sensibilidade feroz ou por uma ferocidade sensível como houve poucas na segunda metade do século XX.

Mesmo que, como conta Mike Siegel em entrevista dada ao *Jornal do Fundão* («Encontros Cinematográficos: Encontro com Mike Siegel», por Mário Fernandes e José Oliveira, 3 de maio de 2022), tenha realizado, apesar de tudo, poucos projetos de índole pessoal, a mão de Peckinpah fazia-se sentir em tudo o que pegava, sendo as suas personagens mais marcantes, de algum modo, um reflexo do seu temperamento – caso em que, sim, “o estilo é o próprio homem”, como dizia o Conde de Buffon. Veja-se Major Dundee (Charlton Heston), na acidentada produção homónima, ou Bennie (Warren Oates), no mais paradigmaticamente peckinpahniano dos filmes, **Bring Me the Head of Alfredo Garcia** (1974), ou ainda os protagonistas desenraizados e crepusculares, de filmes algo esquecidos e subestimados como **Junior Bonner** (1972) e, um magnífico filme que o próprio Peckinpah acarinhava de modo particular, **The Ballad of Cable Hogue** (1970). Trata-se, pois claro, de um universo masculino, assente em valores que também pautaram e pontuaram a vida de Peckinpah, por força, desde logo, da educação dada pelos pais (a relação com seu pai tem algo de edipiana, vamos percebendo), nomeadamente os de camaradagem e lealdade (resumidas neste documentário à

questão da “palavra dada tem de ser palavra honrada”, que lhe veio do berço). No entanto, ao contrário de cineastas clássicos, como John Ford ou Raoul Walsh (**High Sierra** [1941] é citado como um filme de capital importância), na poética peckinpahniana a paisagem americana é filtrada por uma atracção verdadeiramente furiosa ora pela destruição, ora pelo abandono. Não há espaço para a mera compaixão – sentimento que, em Peckinpah, representa uma fraca condescendência – ou para qualquer forma de redenção que cicatrize a ferida ou as feridas dos seus heróis sofredores e tantas vezes derrotados. De facto, se há feridas a sarar, não haverá curas milagrosas. Se há sangue a derramar, Peckinpah ou, como também era conhecido “carinhosamente” por alguns, “Sam Sangrento”, faz como nesse “western para acabar com todos os westerns” chamado **The Wild Bunch** (1969) e vai até ao fim, superando-se numa violência sem rédeas e assaz patética, isto é, plena de estilo e *pathos*.

Como notou Mike Siegel na dita entrevista, “[p]ara mim era apenas um homem, um homem extremamente apaixonado. Um artista, como muitos grandes artistas, com um feitio difícil. Não talhado para uma vida familiar normal – o que quer que isso signifique. Passei mais de 40 anos a lutar contra essa imagem unidimensional do ‘Sam Sangrento’”. É isto que esta “balada” nos transmite, efetivamente: a vontade de elogiar um homem direto, talvez não propriamente “simples” (*apenas um homem*), porque sempre condimentou o estilo violento – seu e dos filmes – com um amor pungente, “maior que à vida”, às personagens e aos atores. Neste sentido, a história narrada por Borgnine é a mais reveladora desta complexa personalidade: na rotação de **The Wild Bunch**, conseguiu “arrancar” inadvertidamente uma lágrima ao duro *director*, que costumava esconder os olhos por detrás de um par de óculos escuros. “He was a human, after all. That bastard!”, atira Borgnine como que revivendo naquele momento o que sentiu Peckinpah em versão não sangrenta, qual “Sam Choramingas”. Ao mesmo tempo, vemos – e ouvimos – Peckinpah num punhado de entrevistas a sublinhar a importância que tem para si a profundidade dramática dos seus filmes, procurando, com isso, afastar a fama, que muitos lhe colaram, de ser um cineasta cínico e brutal, apenas interessado em produzir virtuosos “banhos de sangue”.

Os principais fantasmas de Peckinpah, a bebida e as drogas, são encarados por Siegel como um facto lamentável, mas sem procurar justificá-los em demasia ou evitando a leitura psicanalítica unidimensional, mesmo que fique evidente a tal pulsão autodestrutiva, resultante de muitos anos a combater a desonestidade do sistema de produção hollywoodesca. Se há leitura psicanalítica a fazer, ela é complexa, misturando elementos da educação que obteve de seu pai e mãe com uma certa disciplina que obteve na sua formação militar e ainda com as sucessivas decepções, transformadas em desconfianças e frustrações crescentes ao longo dos anos, que foi colecionando da relação com vários produtores para quem a palavra dada não era assim tão honrada. Tudo isto é convocado nesta “balada”, ficando, contudo, a sensação de que se Peckinpah tivesse nascido mais tarde e se fosse realizador nos dias de hoje, dificilmente teria conseguido realizar filmes tão radicais e ousados como **The Wild Bunch** ou, acima de tudo, **Straw Dogs** (1971). Por isso, não conseguimos deixar de olhar para esta “história de vida” imbuídos de um certo sentimento de nostalgia, pois, pelo menos à época, ainda havia espaço em Hollywood para complexos (maus) génios e para uma ferocidade de calibre tão alto.

Luís Mendonça